

Escrepulosos e Obsessivos: figuras da moral internalizada no mundo ocidental

Resenha

Ticiano Chaves Banhos¹
Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro²
UNIFOR

Castel, Pierre-Henri. (2011). **Âmes scrupuleuses, vies d'angoisse, tristes obsédés: obsessions et contrainte intérieure, de l'Antiquité à Freud (Vol. 1)**. Paris: Éditions d'Ithaque, 453 páginas.

É possível dizer que o transtorno obsessivo-compulsivo – segundo o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, DSM IV (1994) – é uma forma de sofrimento contemporânea vinculada às transformações das relações do indivíduo com sua ação? Esta é uma das inúmeras questões que Pierre-Henri Castel (2011) analisa em sua bela obra, *Âmes scrupuleuses, vies d'angoisse, tristes obsédés*, composta de dois volumes, o primeiro com o subtítulo *obsessions et contrainte intérieure de l'Antiquité à Freud*, lançado em 2011 pela Editora Ithaque, e o segundo, *La fin des coupables*, publicado em 2012.

Trata-se de um estudo sobre as dificuldades do agir reunidas sob a designação de “obrigação interior”, ligada ao processo de constituição da consciência moral na cultura ocidental. No estudo histórico de Castel, a obrigação interior implicada na experiência do agir assume diversas figuras, inicialmente, *âmes scrupuleuses*, depois, angústia psíquica e, atualmente, obsessões e compulsões. Assim, sob essa perspectiva, o TOC é o ponto culminante de um longo percurso antropológico de individualização e de naturalização da moral.

Obrigação interior: da Antiguidade a Freud

¹ Psicóloga e doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia-PPG da Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social-LEIPCS. Lattes de [Ticiano Banhos](#). E-mail: banhostc@hotmail.com

² Pós- Doutorado (2012/2013) - CERMES3/Université Paris Descartes; Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ; Professora titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia-PPG da Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social-LEIPCS. Lattes de [Clara Pinheiro](#). E-mail: claravirginia@unifor.br

No primeiro volume do seu trabalho, Castel começa demarcando a particularidade de uma classe de dificuldades que paralisam seletivamente as ações consideradas boas, belas, apropriadas, se estendendo às ações banais etc. Tais obstáculos dizem respeito à insuficiência da intenção que subjaz à ação e rege sua execução, atingindo um grau de impossibilidade em que o agente admite a existência de forças internas, as quais se opõem. Esse “contra-agente da ação, esse inimigo interior, pode tomar assim um aspecto demoníaco” (p. 17).

Segundo Castel, essas dificuldades do agir são, de acordo com o ponto de vista antropológico, inerentes à condição humana, uma vez que não há ação que não seja apreendida em termos de boa ou má e que, em graus diversos, não provoque admiração ou reprovação. O valor conferido à obrigação interior, entretanto, a propósito da experiência do agir varia de acordo com os contextos culturais. Com efeito, a nossa cultura pôs a obrigação interior no cerne da consciência moral, quer dizer, tornou a auto-obrigação “o princípio do valor do indivíduo” (p. 19). Daí a razão pela qual a ação se torna objeto de preocupações e causa de inquietações e padecimentos da consciência, uma vez que põe em questão o próprio sujeito. Em outros termos, a auto-obrigação constitui critério de valor da ação do indivíduo.

A propósito da constituição da experiência de domínio de si, Castel se inspira na perspectiva de Elias (2010) sobre o processo civilizador na cultura ocidental. Trata-se aí da interiorização das regulações externas do uso das paixões, envolvida na “civilização dos costumes”. Transpondo, no entanto, o desenvolvimento dos bons hábitos em face do olhar do outro, Castel investiga “*a fabricação mesma da interioridade*” (grifo do autor, p. 24), considerando que, a despeito dos controles externos da ação, se impõem, do interior do indivíduo, impulsos para agir, engendrando, assim, uma tensão interna irreduzível. Daí a face psicológica da civilização dos costumes de Elias, nomeada por Castel de “civilização do espírito” (p.23).

Ora, a neurose obsessiva freudiana é, então, o reverso da auto-obrigação psíquica, caracterizada pela tensão entre os impulsos para agir e as regulações da ação. Desse modo, “a invenção de Freud recompõe sob seu olhar o conjunto, ou quase, das figuras históricas da individualidade culpada” (p. 26). Considerando, pois, a dimensão da interioridade, Freud apreende as neuroses, a obsessiva, fundamentalmente, como doenças da moralidade e da culpabilidade por excelência. Chama, pois, atenção para o supereu freudiano, ao explicitar que ele é a causa de todos os efeitos morais. Desse modo, arremata o pesquisador e psicanalista francês, o Fundador da Psicanálise explica o que Dostoievski constatou: a doença da consciência. Nas palavras do escritor moscovita: “ter uma consciência muito desenvolvida, é uma doença, uma doença plena e inteira” (Dostoievski, 1864/2008, p. 19 e 20).

Castel observa, entretanto, o lento declínio da neurose obsessiva como suprema expressão psíquica do embate entre o eu (*moi*) e a sexualidade. O autor não deixa de relacionar tal queda às metamorfoses do individualismo, perspectiva antropológica que condiciona a relação entre auto-obrigação e ação. Sob o seu ponto de vista, o indivíduo sobre o qual a psicanálise edificou seus tipos morais e clínicos não tem mais curso, pois não se pode mais dizer que os pacientes de hoje são iguais aos de outrora, muito menos que eles são os mesmos sujeitos. Estamos vivendo, na opinião desse psicanalista, uma

mutação antropológica, na qual as dificuldades do agir são hoje menos se sentir culpado, tal como eram até Freud com a auto-obrigação, e mais se perceber incapaz.

Essa mudança, conforme o pesquisador francês, baseado em Ehrenberg (2010), ocorre em função da autonomia-condição, a nova moral. Esta toma o lugar da autonomia-aspiração, que é um ideal a ser alcançado ao termo de uma luta emancipatória em que cada qual encontra o adversário em si mesmo, batalha esta que era característica da auto-obrigação psíquica. Após a ruptura desse ideal, a autonomia torna-se uma condição normativa: ela não significa mais o que é necessário atingir, mas ao que é preciso de imediato se conformar. De acordo com Pierre-Henri Castel, o conflito interior não é mais a causa dos sintomas, quando estes excedem certos limites; ele é o próprio sintoma. Desse modo, ele elabora a hipótese de que se vive atualmente uma mudança tanto dos regimes individualistas tradicionais da ação quanto das modalidades de sofrimento do agir que eram a ele associadas até hoje.

Por conseguinte, as obsessões e compulsões não são mais, para uma quantidade cada vez maior de sujeitos, auto-obrigações psíquicas. Elas são interferências do agir e do pensar, “disfuncionamentos indexados sobre constantes neurobiológicas ou sobre princípios de utilidade social” (p. 27). Acrescenta Castel: “eles são absolutamente exteriores ao si, eles não têm mais sentido” (p. 27).

Após então o relato da história da moralização da obrigação psíquica no primeiro volume, o segundo descreve a sua desmoralização. Castel distingue, então, esses dois momentos da civilização do espírito à luz da história das obsessões. O primeiro descreve a emergência da auto-obrigação e seu sofrimento correspondente como fato moral total com base na célebre expressão maussiana.

A totalidade das manifestações do espírito está relacionada ao fato de as figuras da “obsessionalização”, quais sejam, a escrupulosa do Grande Século, o obsessivo do final do século XIX, o obsessivo que se deita no divã e o paciente de hoje, revelarem, em seus rituais práticos – ou seja, nas suas pequenas manias mórbidas ou nos seus sintomas psiquiátricos – a linguagem do mundo no qual vivem, codificação esta compreendida e esperada, no sentido da acepção maussiana da expressão obrigatória dos sentimentos.

O livro de Castel, portanto, nos fornece uma análise crítica bastante apurada acerca da tendência atual cada vez maior de se naturalizar o sofrimento. Por esse motivo, ele é tão relevante para as pesquisas na área da saúde mental. Ele oferece parâmetros para se pensar na desmoralização da auto-obrigação e na retirada de seu antigo predicado psíquico, pois ela hoje tende a ser cerebral.

Submissão: out/ 2012

Aceite: dez/ 2012

Bibliografia

American Psychiatric Association (1994). DSM-IV, *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4a ed. revisada). Washington, DC.

Castel, Pierre-Henri. (2011). *Âmes scrupuleuses, vies d'angoisse, tristes obsédés: obsessions et contrainte intérieure, de l'Antiquité à Freud* (Vol. 1). Paris: Éditions d'Ithaque.

Dostoïevski, Fédor (2008). *Carnets du sous-sol*. Paris: Magnard. (Original publicado em 1864).

Ehrenberg, Alain. (2010). *La société du malaise*. Paris: Odile Jacob.

Elias, Norbert (2010). *Au-delà de Freud: Sociologie, Psychologie, Psychanalyse*. Paris: Éditions La Découverte.